

O brinquedo popular e o ensino de música na escola

Popular Culture and Musical Teaching in Fundamental Education

Fernanda de Souza

Universidade Federal do Paraná (UFPR)
f_fernandadesouza@yahoo.com.br

Resumo. O presente relato apresenta uma experiência concreta de utilização da cultura popular no ensino de música na escola, abordando a importância do brincar para o ensino de música e para o desenvolvimento da criança, bem como sua presença nas manifestações da cultura popular. Tal reflexão foi possível a partir de uma prática vivida junto aos alunos da sétima série do Colégio Estadual São Pedro e São Paulo, em Campo Largo, Paraná, junto aos quais se utilizaram os recursos disponíveis do folgado bumba-meu-boi para o ensino da música.

Palavras-chave: educação musical, ensino fundamental, cultura popular

Abstract. This report presents a specific experience of music teaching using truly Brazilian traditional folk music, addressing the importance of *playing* for the music teaching and child development, and their broadly presence in traditional manifestations of Brazilian culture as well. This approach was possible from an applied experience with students of St. Peter and St. Paul College, located in Campo Largo, Paraná, Brazil, which were guided to manipulate aspects of Brazilian traditional folk manifestation *bumba-meu-boi* as a support to their music learning.

Keywords: musical education, college teaching, folklore

Introdução

Em minha prática docente, tenho realizado experiências positivas de aplicação de alguns elementos da cultura popular como uma alternativa viável para o ensino de música no ensino fundamental. A escolha da cultura popular como uma base para o ensino de música na escola tem seu motivo especialmente devido à simplicidade de sua aplicação e mínimas necessidades de recursos instrumentais formais, bem como a diversas possibilidades de manipulação e combinação de materiais, não exclusivamente musicais, de maneira que a música pode ser trabalhada no contexto escolar também em relação às demais linguagens artísticas.

O relato de experiência a seguir refere-se a uma prática vivida junto aos alunos da sétima série do Colégio Estadual São Pedro e São Paulo, em Campo Largo, Paraná, junto aos quais se utilizaram os recursos disponíveis do folgado bumba-meu-boi

para o ensino da música. Para fundamentar a experiência prática de sala de aula, procurou-se aprofundar as noções do brincar e sua importância no desenvolvimento da criança de um modo geral.

O brincar e a brincadeira são elementos importantes nos processos tradicionais de musicalização, de onde decorre a viabilidade da utilização de elementos próprios à cultura popular, também chamados de *brinquedos populares*, para o ensino de música na escola, especialmente para as crianças que cursam as séries fundamentais.

A cultura popular e a educação musical: brinquedos, brincadeiras e brincantes

O cancioneiro folclórico brasileiro é rico em manifestações culturais que envolvem a música. As formas musicais mais conhecidas do nosso folclore são as brincadeiras de roda, os jogos, as parlendas,

os acalantos e os folguedos. A maioria desses brinquedos populares apresenta temas ligados a contextos culturais regionais, e são vivenciados através da música, dança, canto, teatro de bonecos, etc. Nessas manifestações são também utilizados figurinos e adereços, instrumental variado, bem como comidas e bebidas típicas.

Hermano Vianna (2000, p. 5), em seu livro *Música do Brasil* comenta que “[...] brincadeira é o nome usado pela maioria dos brasileiros para se referir aos seus folguedos, folias, autos e festas. Há muita brincadeira no Brasil.” Os participantes desses brinquedos populares denominam-se brincantes, cujas brincadeiras, repletas de musicalidade, envolvem tanto a criança como o jovem, o adulto e o velho. A integração entre as diferentes linguagens artísticas é presente nessas brincadeiras. Harue Tanaka (2001, p. 3), em seu trabalho sobre ensino e aprendizagem do cavalo-marinho em João Pessoa, observa a presença

[...] de uma interação entre o fazer musical com outras linguagens extra-musicais, utilizando a música não apenas como mera ilustração para a expressão de outra linguagem, mas integrando diferentes manifestações artísticas expressivas – teatro, música, dança e artes plásticas.

Sobre esse assunto, Maffioletti e Rodrigues (1992, p. 19), em seu livro sobre cantigas de roda, comentam que as diferentes linguagens – corporal, musical e cênica – permitem aprendizagens cognitivas, efetivas e sociais nas diferentes áreas do conhecimento.

A prática de danças folclóricas também permite que a criança ou o adolescente valorize suas manifestações culturais, compreenda a relação entre corpo, dança e sociedade, e adote uma postura não-discriminatória em relação às nossas manifestações artísticas (Lima; Macena, 2003, p. 354).

Outra constatação importante da pesquisa de Tanaka (2001) diz respeito a como ocorre o processo de assimilação no brinquedo popular. Segundo ela, é de forma bastante intuitiva, predominando o uso da palavra e a demonstração dos passos e movimentos, bem como a imitação da música e o canto que aos poucos vão sendo aprendidos pelos brincantes mirins (Tanaka, 2001, p. 6).

As atividades pedagógicas inspiradas na cultura popular oferecerem a oportunidade da vivência criativa e solidária presente nos folguedos e em outras expressões artísticas. Verifica-se que a aprendizagem musical nos grupos de pessoas que vivem as manifestações da cultura popular como o carnaval, o maracatu, o cavalo-marinho, etc., é diferente

daquela do conservatório e das escolas de música, pois enfoca um “ensino não-formalista, onde as crianças absorvem a estruturação rítmico-melódica através da prática” (Tanaka, 2001, p. 6).

O ambiente de criação e difusão musical nessas manifestações populares carrega em si os valores e comportamentos da coletividade que a cria. Ele revela muito do que o povo é e o que ele faz, de maneira direta e funcional, pois tal ambiente nasce dos processos técnicos coletivos de composição que são transmitidos por meios práticos e objetivos. Nesse sentido, o termo *brincante*, utilizado para nominar os participantes dos também chamados *brinquedos populares*, apresenta-se em plena harmonia com esse ambiente criativo, pois é através da brincadeira que acontece o processo de aprendizagem.

O brincar

São muitos os autores que realizaram estudos sobre a importância do brincar na vida da criança, sendo que todos enfocam o brincar como uma das necessidades básicas para o seu desenvolvimento sadio. Os aspectos sobre o brincar relacionados a seguir foram elaborados a partir do estudo das contribuições de importantes estudiosos dos campos sociocultural, filosófico e psicológico.

O brincar é algo que a criança realiza com muita naturalidade, basta observá-la na rua, na escola, em casa para perceber o quanto o brincar é significativo. Quando uma criança diz “vamos brincar”, ela pode estar se referindo a brincadeiras, brinquedos, faz-de-conta, mágicas, fantasias, jogos, entre outros. Ao observarmos por alguns instantes uma criança brincando, notamos que qualquer objeto, seja uma folha de papel, uma garrafa de plástico, um simples pedaço de madeira, enfim, qualquer idéia ou situação pode tornar-se um brinquedo ou uma brincadeira.

Como explica Maluf (2003, p. 33), o brincar sempre foi e sempre será uma atividade muito prazerosa, acessível a todo o ser humano, de qualquer faixa etária, classe social ou condição econômica. Segundo a autora, através do brincar a criança relaciona-se com a realidade, diferenciando seu mundo interior, fantasias, desejos e imaginação, do seu mundo exterior, que é a realidade por todos compartilhada. Assim, é através da brincadeira que a criança expressa seus desejos, fantasias, vontades e conflitos.

É através do brincar que ela se comunica. “É muito raro encontrarmos uma criança que não brinque, sendo até mesmo algo muito estranho e preocupante [...]” (Pereira; Gomides; Lima, 1997, p.

30). Segundo Maluf (2003, p. 20) a criança que não brinca poderá ter problemas futuros, já a criança que brinca normalmente é feliz e poderá ser um adulto equilibrado física e emocionalmente, conseguindo enfrentar os problemas da vida com mais facilidade.

Para Garcia e Marques (2001, p. 11), a infância é a idade das brincadeiras, através dela a criança satisfaz, em grande parte, suas necessidades e desejos particulares. Froebel, comentado por Kishimoto (2005, p. 68), concebe o brincar como uma atividade livre e espontânea, responsável pelo desenvolvimento físico, moral e cognitivo, pois o brincar desenvolve os músculos, a mente, a coordenação motora e, principalmente, faz as crianças felizes.

É importante a criança brincar, pois ela irá se desenvolver permeada por relações cotidianas, e assim vai construindo a sua identidade, a imagem de si e do mundo que a cerca (Maluf, 2003, p. 20).

Quando as crianças brincam nota-se a satisfação que sentem ao participarem das atividades, momentos de riso, alegria, excitação. No entanto, a contribuição do brincar vai além desses impulsos parciais, o aprendizado de brincadeiras propicia a liberação de energia, a expansão da criatividade, fortalece a sociabilidade, estimula a liberdade e o desempenho (Garcia; Marques, 2001, p. 11).

Para Maluf (2003, p. 76), o brincar é um aspecto fundamental para se chegar ao desenvolvimento integral da criança. Segundo a autora, brincar é importante por ser uma atividade na qual a criança se interessa naturalmente e porque desenvolve suas percepções, sua inteligência, suas tendências à experimentação.

[...] quando brincamos exercitamos nossa potencialidade, provocamos o funcionamento do pensamento, adquirimos conhecimento sem estresse ou medo, desenvolvemos a sociabilidade, cultivamos a sensibilidade, nos desenvolvemos intelectualmente, socialmente e emocionalmente [...]. (Maluf, 2003, p. 77).

Bruner (apud Kishimoto, 2002, p. 142), no seu estudo com crianças pequenas comenta a importância da brincadeira no desenvolvimento de suas competências, e diz que em situações de brincadeira a criança desenvolve a intencionalidade e a inteligência, é através da brincadeira que a criança aprende a se movimentar, a descobrir regras, a falar e desenvolver estratégias para solucionar problemas.

O brincar também contribui para a aprendizagem da linguagem, pois para a criança ser capaz de falar sobre o mundo, ela precisa saber brincar com o mundo. O que faz com que a criança desenvolva o poder de combinação não é a aprendizagem da lín-

gua nem sua forma de raciocinar, mas sim a oportunidade que tem de brincar com a linguagem e o pensamento (Bruner apud Kishimoto, 2002, p. 143).

Para muitos autores a socialização é um dos aspectos marcantes no desenvolvimento da criança, sendo o ato de brincar o grande responsável por esse desenvolvimento.

Sabemos que todas as brincadeiras exigem regras, mesmo que sejam explícitas, como, por exemplo, na brincadeira de faz-de-conta. Segundo Maluf (2003, p. 18), através das brincadeiras em grupo a criança observa condutas, apropria-se de valores e significados, compondo um repertório de regras que tecem os diversos papéis sociais; é assim que as crianças aprendem sobre regras de comportamento.

A brincadeira, quando realizada em contato com adultos ou outras crianças, possibilita a descoberta de regras, ou seja, a criança descobre a seqüência de ações que compõem a modalidade do brincar e não só a repete, mas toma iniciativa, altera sua seqüência ou introduz novos elementos (Bruner apud Kishimoto, 2002, p. 142).

A criança, quando brinca, interfere e altera a brincadeira da forma que lhe dá mais prazer, e isso faz com que se desenvolva a competência em recriar situações, conduta criativa tão necessária nos tempos atuais.

Segundo Brougère (2004), o jogo também é uma forma de socialização que prepara a criança para ocupar um lugar na sociedade adulta. O autor explica:

Toda socialização pressupõe a apropriação da cultura, de uma cultura compartilhada por toda sociedade ou parte dela. A brincadeira aparece como atividade que permite à criança a apropriação dos códigos culturais e seu papel na socialização foi muitas vezes destacado. (Brougère, 2004, p. 40).

Portanto, se considerarmos as idéias de Vigotsky (apud Maluf, 2003, p. 21), quando explica que todo ser humano está inserido dentro de um contexto cultural que determina suas formas de pensar e agir, torna-se transparente a importância do brincar na vida da criança, pois ela irá se desenvolver permeada por relações cotidianas, e assim vai construir a sua identidade, a imagem de si e do mundo que a cerca.

Para Vygotskiy (apud Maluf, 2003, p. 22), quando a criança brinca cria uma situação imaginária, e é devido a esse aspecto que o ato de brincar difere das demais atividades. Partindo dessas considerações, Garcia e Marques (2001) consideram o

brinquedo ou a brincadeira a riqueza do imaginário infantil. Segundo as autoras, é através da brincadeira que a criança consegue *conjug*ar seu mundo de fantasia com a realidade, transitando, livremente, de uma situação a outra (Garcia; Marques, 2001, p. 11).

Eugênio Tadeu Pereira, professor de música do Centro Pedagógico da UFMG, explica que as brincadeiras populares, quando aliadas a um trabalho de investigação e de inventividade lúdica, proporcionam a criança um instigante olhar sobre a nossa cultura (Pereira; Gomides; Lima, 1997). A importância dessas brincadeiras populares, sempre permeadas de personagens fantásticos e de situações imaginárias, pode ser constatada nas idéias de Vigotsky, quando argumenta que a cultura forma a inteligência e que a brincadeira de papéis favorece a criação de situações imaginárias e a reorganização de experiências vividas.

Bruner (apud Kishimoto, 2002, p. 140), também reforça esse pensamento ao mostrar que a educação deve ser permeada pela cultura. Segundo o autor, para um bom desenvolvimento pessoal e social a criança precisa estar em contato com elementos da cultura, tanto em aspectos locais como universais.

Segundo Kishimoto (2002, p. 149), enriquecer o imaginário da criança brasileira significa

[...] introduzir em sua experiência a riqueza folclórica, com suas lendas sobre a fauna e flora: vitória-régia, jibóia, boto cor-de-rosa, seres que habitam regiões da Amazônia e Mato Grosso. Reviver as festas e os contos populares, reproduzir os personagens típicos do Nordeste, do agreste e da caatinga, das zonas de garimpagens, das pampas e regiões pantaneiras significa abrir a porta da cultura, oferecer o acervo de imagens sociais e culturais que enriquecem o imaginário.

Entretanto, podemos perceber que o brincar é a atividade predominante da infância, estando muito além de ser apenas um entretenimento nas suas vidas. O brincar de fato contribui para o desenvolvimento integral da criança, pois estimula o imaginário infantil, auxilia na socialização e no desenvolvimento das suas competências. Através do brincar a criança aprende a criar significações, a comunicar-se com os outros, a tomar decisões, a decodificar regras, a expressar a linguagem e socializar.

O brincar na escola

Sabe-se que o brincar é uma das palavras mais presentes no vocabulário das crianças. O brincar não necessita necessariamente de meios sofisticados para sua realização, e, principalmente, deve fazer parte da vida de todas elas. Segundo Garcia e Mar-

ques (2001, p. 11), o ato mais importante do ser humano é a criação e a recriação da cultura, e requer a brincadeira e orientação do adulto para que aconteça o acesso ao acervo cultural.

Nesse sentido, Tizuko Kishimoto (2002, p. 139) considera ser um dos papéis da escola tornar acessível à criança esse acervo de bens culturais do povo brasileiro, bem como aqueles elementos da cultura que não a escolarizada, para assim enriquecer o repertório imaginativo da criança. Para o autor, as instituições escolares não proporcionam atividades, a partir do brincar, que auxiliem na construção de um saber significativo na criança, pois, poucos são os espaços para brincadeiras livres. Os horários são rígidos, com turmas homogêneas, atividades padronizadas e pouca escolha da criança (Kishimoto, 2002, p. 139).

Cristina Maluf faz uma crítica referente às práticas escolares. Para a autora, embora seja comprovada a importância do brincar, do brinquedo e do jogo no desenvolvimento da criança, não são efetivas as propostas pedagógicas que incorporam o lúdico no trabalho escolar. Para ela, é o professor que deve criar oportunidades para que o brincar aconteça na escola de forma educativa, pois é através de brincadeiras que a criança constrói seu próprio pensamento: o educador deve estabelecer uma conexão entre o prazer, o brincar e o aprender, é preciso que os professores se coloquem como participantes, acompanhando todo processo da atividade, mediando os conhecimentos através da brincadeira, do jogo e outras atividades (Maluf, 2003, p. 34).

Em certo sentido, se o ensino dos conteúdos escolares for cansativo, demasiadamente sério e desvinculado da realidade da criança, não a valorizando como construtora de conhecimento, pode-se apresentar uma realidade adversa ao ambiente criativo. Diante de uma escola que oferece pouca alegria, os jovens dão provas de crescente impaciência e a resistência manifesta-se por meio da rebeldia, da apatia e até mesmo na recusa em frequentá-la (Volpato, 2002, p. 15). A alegria que essa espécie de escola promete à criança será uma alegria que somente poderá ser desfrutada depois de muito esforço, muita disciplina, muitas lições de casa, provas e brincadeiras não brincadas.

A atividade lúdica é uma excelente forma de ensinar porque apresenta características pouco opressoras. Qualquer criança que brinca, explora e se atreve a ir além da situação proposta, buscando soluções, pois na brincadeira não existe idealmente nenhum tipo de punição (Bruner apud Kishimoto, 2002, p. 143).

Assim, o brincar enquanto promotor da capacidade e potencialidade da criança deve ocupar um lugar especial na prática pedagógica. É de extrema importância que a criança tenha espaço e tempo suficiente para que as brincadeiras possam surgir e se desenvolver na escola. Ao se buscar transformar o ambiente escolar em um espaço no qual se privilegia a brincadeira e a alegria, estaremos caminhando para a construção de uma aprendizagem mais humana e significativa.

Uma experiência de sala de aula

A experiência descrita a seguir foi realizada junto aos alunos da sétima série do ensino fundamental (crianças na faixa etária de 12 a 13 anos) em encontros semanais de uma hora e meia de duração, em turmas de aproximadamente 35 alunos. Esse processo teve como eixo condutor a coletividade, a vivência prática, o exercício da solidariedade e da troca de idéias na busca de um aprendizado social. A vivência prática foi realizada através de atividades que envolviam o jogo e a brincadeira, e a partir da brincadeira, obviamente, estimulou-se a alegria de brincar.

O trabalho não envolveu, portanto, apenas o aprendizado de ritmos e canções próprios da cultura popular, mas sim a *vivência* da cultura popular, o que permitiu a todos os envolvidos a aproximação do universo da oralidade no qual a experiência, a solidariedade e a alegria são fundamentais.

A utilização da cultura popular fundamentou-se numa temporalidade diferente e de certa maneira contrária aos modos habituais de ensino da escola, mais formal e regrada e que utiliza a escrita como a principal forma de expressão. Essa outra temporalidade foi marcada pelas relações pessoais construídas ao longo do processo, pelo gradual estabelecimento das afinidades e pelo convívio. Os toques, as canções, as danças, etc., foram aprendidos a partir da oralidade, e a escrita foi utilizada poucas vezes apenas como um apoio para a memória oral.

O trabalho teve início a partir de uma pesquisa realizada pelos alunos. Separados em pequenos grupos, os alunos foram primeiramente incumbidos de coletar informações sobre algumas manifestações populares como o bumba-meu-boi, o pastoril, a congada e o fandango, objetivando, ao final desse processo, a escolha de uma manifestação a ser estudada e vivenciada mais profundamente.

Ao longo de três meses, produziu-se uma montagem tendo como idéia central a história do auto do bumba-meu-boi, com suas danças, músicas,

bonecos e encenações, utilizando-se, também, de aspectos de outras manifestações em meio ao trabalho. Como reflete Vianna (2000, p. 32), o espaço da brincadeira no Brasil tem

[...] a estrutura de uma rede, uma rede inter-brincadeiras. Cada brincadeira é um nó da rede, estando assim interligada a todas as outras brincadeiras, nesse espaço tudo circula: pedaços de melodias; versos; instrumentos musicais; detalhes de indumentária; trechos de encenações teatrais.

Sendo assim, o trabalho envolveu também as brincadeiras da ciranda, do coco, do cacuriá e a do boi-bumbá. Tais brincadeiras foram utilizadas como subsídios para a aprendizagem do ritmo, da dança e de melodias, através de atividades que envolviam percussão corporal, brincadeiras de roda, composições de canções e de arranjos, improvisações, construção de instrumentos, em um processo de trabalho coletivo.

A integração entre as artes, de importante presença na realização do trabalho, foi uma linha que se estabeleceu conforme as crianças descobriam e entendiam o sentido e a importância de cada parte do folgado. Como resultado, além das questões musicais, realizou-se a construção de bonecos, adereços e também figurinos.

Entre as principais atividades desenvolvidas, citam-se:

Dança: todos os brinquedos utilizados no trabalho envolviam a dança de maneira a introduzir os aspectos rítmicos característicos que posteriormente seriam vivenciados diretamente nos instrumentos musicais.

Percussão corporal: nas atividades de percussão corporal exploraram-se diferentes timbres como palmas, estalos de boca e de dedos, e percussão em diferentes partes do corpo, em jogos coletivos de maneira a que cada grupo de crianças era responsável por uma seção rítmica do folgado que estava sendo trabalhado.

Arranjos musicais: após a vivência rítmica e a prática instrumental os alunos foram incentivados à criação coletiva de pequenos arranjos explorando características de cada manifestação, de maneira a acompanhar a prática do brinquedo.

Composição: ainda em grupos, os alunos também foram conduzidos à composição de textos e pequenas melodias para cada um dos personagens do auto do bumba-meu-boi, em estilos musicais livremente escolhidos por eles.

Construção de instrumentos: realizou-se a construção de instrumentos musicais como tambores, matracas, ganzás e paus-de-chuva, a partir de materiais alternativos. As crianças construíram seus próprios instrumentos tanto para as práticas rítmicas em si quanto para as atividades de exploração do timbre musical.

Resultados e avaliações

A partir desse trabalho os alunos tiveram a oportunidade de aprender a valorizar a aula de música como um espaço de exploração criativa e improvisação em grupo. Nesse sentido, foi muito interessante a maneira com que os alunos respeitaram as limitações de alguns colegas, e por outro lado souberam aproveitar as potencialidades individuais de outros.

Além de contribuir para o acesso a conteúdos musicais diversificados, o trabalho com a música da cultura popular demonstrou o quanto a escola pode oportunizar em termos de uma efetiva prática musical para seus alunos, contribuindo para que desenvolvam suas capacidades reflexivas e criativas.

O trabalho com a música da cultura popular contribuiu para que os alunos conhecessem e entendessem discursos musicais de uma outra realidade à qual não estavam acostumados. Assim, os trabalhos de apreciação musical e de análise da música foram entendidos como elemento expressivo de um povo.

Através desse trabalho pôde-se perceber o quanto a escola precisa oportunizar a prática musical entre os alunos para que desenvolvam suas capacidades reflexivas e criativas. Acredito que essa conscientização deve principalmente partir de nós professores, começando por garantir a eficácia de nossa prática através de um planejamento resultante da troca de idéias, de dúvidas e experiências entre professor e aluno. Portanto, devemos ser educadores comprometidos com a educação musical e com a valorização da função do professor de música no currículo da escola pública.

Referências

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. Versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época, 43).

GARCIA, Rose Marie; MARQUES, Lílian Argentina. *Brincadeiras cantadas*. Porto Alegre: Kuarup, 2001.

Conclusão

A inserção do folclore na prática escolar não é novidade. No entanto, o que muitas vezes acontece é que a escola mascara a dominação com um mentiroso interesse pelo "folclore". Assim, nas aulas de português, trabalha atividades, como contar histórias, lendas, tradições, culinária, etc., reduzindo o rico universo de experiências práticas à leitura de textos. Nas aulas de educação física e educação artística, são trabalhadas danças folclóricas que são muitas vezes mal feitas, com gestos estereotipados, que no seu contexto original levaram séculos para se construir.

A escola, assim como deve proporcionar aos alunos o contato e o entendimento com a música erudita e de outros povos, também deve apresentar aos alunos subsídios para que entendam o universo e os elementos que fazem parte da nossa cultura popular, para que assim não se criem preconceitos referentes à nossa diversidade cultural.

Na experiência descrita no presente trabalho, podemos notar que a base envolveu o trabalho em grupo e solidário, o brincar e a alegria. O educador Paulo Freire há muito tempo nos fala que a alegria é fator de essencial importância dentro da escola para que haja um bom desenvolvimento dos alunos e satisfação dos professores.

Partindo dessas reflexões, percebemos que a cultura popular, além de apresentar elementos de riquíssimas possibilidades para o trabalho com a música na sala de aula, nos faz entender sobre diferenças culturais, nos faz sair de cada experiência, de cada brincadeira, mais felizes e principalmente mais humanizados. Pois, como disse Hermano Vianna (2000, p. 50), "[...] a brincadeira é um caminho para a iluminação: o longo aprendizado da arte do bem viver".

Considerando o presente trabalho como sendo ainda introdutório, espera-se que ele possa ter contribuído para futuros estudos nessa área, não somente a da música na educação fundamental, mas também interdisciplinarmente em estudos sobre a educação artística e aplicabilidade da cultura popular no cotidiano da escola fundamental.

- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- _____. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- LIMA, Hebe de Medeiros; MACENA, Lourdes. Músicas e danças folclóricas cearenses como práticas educativas nas escolas de Fortaleza. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 12., 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Abem, 2003. p. 353-356.
- MAFFIOLETTI, Leda; RODRIGUES, Jussara H. *Cantigas de roda*. 4. ed., Porto Alegre: Magister, 1992.
- MALUF, Cristina Munhoz. *Brincar prazer e aprendizado*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PEREIRA, Tadeu; GOMIDES, Luciana; LIMA, Sílvia. *Arquivo lúdico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. (Coleção Quem Sabe Faz).
- TANAKA, Harue. Ensino e aprendizagem do cavalo-marinho infantil do bairro dos Novais (1999). In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 10., 2001, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: Abem, 2001. p. 10-15.
- VIANNA, Hermano. *Música do Brasil*. São Paulo: Gráficos Buriti, 2000.
- VOLPATO, Gildo. *Jogo, brincadeira e brinquedo: usos e significados no contexto escolar e familiar*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

Recebido em 31/01/2008

Aprovado em 04/03/2008